

PROJETO  ESPERANÇA 2014
-PARA ALÉM DA IMAGINAÇÃO-

AS IMPRESSÕES DIGITAIS DE DEUS

PALESTRA 1



ÁREA DEPARTAMENTAL DE EVANGELISMO
DEPARTAMENTO DOS MINISTÉRIOS DAS PUBLICAÇÕES
PUBLICADORA SERVIR

AS IMPRESSÕES DIGITAIS DE DEUS

INTRODUÇÃO

Em 1609, o cientista Galileo Galilei vivia na cidade universitária italiana de Pádua, quando ouviu dizer que um inventor holandês tinha criado um instrumento ótico que fazia os objetos parecerem mais próximos de um observador do que eles realmente estavam. Galileo informou-se sobre a estrutura desse instrumento e construiu um para si. O telescópio que construiu aumentava nove vezes os objetos distantes. Algum tempo depois, ele aperfeiçoou o seu telescópio de tal forma que este passou a ter um poder de ampliação de vinte vezes o poder do olho humano. Por volta do início de dezembro de 1609, Galileo usou o seu novo telescópio para observar a Lua. Aquilo que ele viu modificou para sempre a sua (e a nossa) percepção do Universo. O antigo filósofo grego Aristóteles tinha ensinado que, ao contrário da Terra, os objetos celestes eram perfeitos. Esta opinião tinha sido transmitida pela escolástica medieval e era aceite pelos sábios do tempo de Galileo. No entanto, para sua surpresa e graças ao seu telescópio, Galileo descobriu que a superfície da Lua era semelhante à da Terra, com montanhas e planícies. Ao descobrir a “imperfeição” da Lua, Galileo foi levado a questionar tudo o que lhe havia sido ensinado sobre o Universo. Entretanto, enquanto estudava a Lua, o cientista italiano descobriu algo ainda mais revolucionário. Ele notou que o céu que rodeava a Lua estava repleto de estrelas que nunca tinham sido observadas antes. Pela primeira vez, Galileo podia constatar que havia mais do que apenas as 1022 estrelas que os antigos gregos tinham nomeado. O Universo era bem maior do que então se pensava. Algumas semanas mais tarde, o cientista italiano teve uma nova surpresa. Enquanto olhava para o planeta Júpiter pelo seu telescópio, Galileo descobriu quatro pequenos corpos celestes que pareciam estar muito perto de Júpiter. Mas, de modo surpreendente, estes pequenos corpos celestes apareciam primeiro num lado de Júpiter, depois desapareciam, e mais tarde voltavam a aparecer uma vez mais, mas agora do outro lado do planeta. Galileo percebeu que esses pequenos corpos celestes eram luas e estavam a orbitar Júpiter como a Lua orbita a Terra. Esta descoberta de Galileo, de que havia luas que orbitavam um outro planeta para além da Terra, veio dar suporte experimental à teoria do astrónomo Nicolau Copérnico, segundo a qual a Terra não estava no centro do Universo, mas era apenas mais um planeta orbitando o Sol. Assim, em dezembro de 1609, graças a Galileo Galilei, a concepção humana acerca do Universo conheceu uma mudança radical.

Hoje sabemos que o Universo é imenso e contém uma quantidade inimaginável de matéria e de energia organizadas em estruturas específicas: sistemas solares, galáxias e grupos de galáxias. Nós não sabemos exatamente quantas estrelas existem no Universo, mas se considerarmos que existem cerca de duzentos bilhões de estrelas na nossa galáxia, a Via Láctea, e se estimarmos que o Universo é constituído por cento e setenta e cinco bilhões de galáxias, então podemos estimar que haverá qualquer coisa como trezentos e cinquenta bilhões de trilhões de estrelas. Há mais estrelas no Universo do que grãos de areia em todas as praias da Terra. O número de planetas que existem no Universo é igualmente enorme. Foi estimado que, apenas na nossa galáxia, poderão existir cerca de um bilhão de planetas.

A cosmologia moderna também descobriu que o Universo não é eterno, mas teve um começo no tempo. Sabemos, hoje, que o Universo está em expansão, como um balão que aumenta de volume à medida em que se enche de ar, pois as galáxias estão a afastar-se umas das outras

a grande velocidade. Se o Universo está em expansão, então ele deve ter sido mais pequeno no passado. Na verdade, quanto mais consideramos o passado do Universo, mais pequeno ele teria então sido. O que significa que, se tivermos em conta um tempo suficientemente longo, descobrimos que o Universo estava inicialmente reduzido a um pequeno ponto, a que os físicos chamam “singularidade”. Foi a implosão deste pequeno ponto – implosão a que os físicos chamam “*Big Bang*” – que deu origem ao Universo. A *Teoria do Big Bang* suscita uma importante questão: O que esteve na origem da singularidade que implodiu, dando, por sua vez, origem ao Universo?

Nesta palestra vamos procurar responder a esta questão recorrendo, para o efeito, a um dos mais antigos e mais poderosos argumentos filosóficos que procuram demonstrar a existência de Deus, enquanto Criador do Universo. Este argumento é conhecido na tradição filosófica como sendo o Argumento do Desígnio Inteligente. Os antigos escritores da Bíblia já tinham alguma consciência deste tipo de argumento empírico. David, no Salmo 19:1, escreveu: “Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos”. Ele pretendia, assim, que uma observação atenta das maravilhas do Universo permitiria inferir a existência de um Deus Criador, onipotente e onisciente. Paulo, na Epístola aos Romanos 1:19-20, falando dos seres humanos que não reconheciam a existência do Deus Criador, também escreveu: “Deus castiga-os porque eles conhecem bem aquilo que se pode conhecer a respeito de Deus. Pois também a eles Deus Se deu a conhecer. De facto, desde a criação do mundo, Deus, que é invisível, mostrou claramente o Seu poder eterno e a Sua divindade nas Suas obras.” Assim, também para o apóstolo Paulo, a consideração ponderada e empírica da estrutura organizada do Mundo permitiria concluir racionalmente que existia um Deus Criador. Seguindo na senda indicada por David e por Paulo, vamos, então, considerar o Argumento do Desígnio Inteligente e tentar perceber se ele nos pode indicar a existência de um Deus Criador, que teria estado na origem do Universo.

O ARGUMENTO BIOLÓGICO DO DESÍGNIO INTELIGENTE

Para podermos compreender o Argumento do Desígnio Inteligente devemos primeiro compreender o que é um *sistema teleológico*. Um sistema teleológico é um sistema composto de partes que está organizado de tal forma que as suas partes funcionam conjuntamente e articuladamente para servirem uma determinada finalidade. Existem sistemas teleológicos tanto no mundo natural como na esfera da cultura humana. Podemos considerar dois exemplos. Um relógio é um sistema teleológico, pois ele é composto por peças que estão de tal forma organizadas que funcionam conjuntamente tendo em vista o fim de indicar as horas. O olho humano também é um sistema teleológico, pois ele é composto por partes – como a córnea ou o cristalino – que funcionam conjuntamente tendo em vista o fim de permitir ao homem a visão do mundo exterior.

Na verdade, todas as máquinas criadas pela inteligência humana são sistemas teleológicos, sendo frequente que tais máquinas sejam compostas por outras máquinas mais pequenas, que também são sistemas teleológicos. Por exemplo, um automóvel é um sistema teleológico que está globalmente concebido para permitir a deslocação rápida do seu condutor. Ora, por sua vez, o automóvel é composto por peças que também são sistemas teleológicos, como o carburador. Este é um sistema de partes dispostas de modo a fornecer a mistura adequada de combustível e ar para permitir a combustão no motor. Do mesmo modo, todos os seres vivos que existem no nosso mundo são sistemas teleológicos que estão organizados para permitirem a realização de duas finalidades: a sua autopreservação e a reprodução da sua espécie. Por exemplo, um tigre está organizado no seu corpo e na sua mente para sobreviver, caçando outros animais, e para

se reproduzir, gerando outros tigres. Note-se que, à semelhança das máquinas construídas pelo Homem, os sistemas teleológicos do mundo natural também são compostos por partes que são, em si mesmas, sistemas teleológicos. Assim, o tigre tem entre os seus órgãos o olho, um sistema teleológico que tem por função permitir a visão do mundo exterior.

O segundo aspeto que temos de ter presente para compreendermos o Argumento do Desígnio Inteligente é que este é uma *inferência empírica por analogia*. Isto significa que neste argumento vamos comparar dois tipos de entes – as máquinas e os seres vivos –, observáveis empiricamente, que são diferentes em vários aspetos, mas que são *análogos*, isto é, apresentam uma *semelhança relevante* em alguns aspetos essenciais. Essa semelhança relevante é o facto de ambos os tipos de entes serem *sistemas teleológicos*. Assim, considerando os seres vivos e as máquinas como *efeitos* produzidos por uma determinada *causa*, poderemos inferir se a causa que está na origem dos seres vivos é ou não é *semelhante (análoga)* à causa que está na origem das máquinas. Este raciocínio que serve de base ao Argumento do Desígnio Inteligente é uma *inferência empírica*, dado que parte da *consideração experimental* da analogia manifestamente existente entre as máquinas e os seres vivos.

Estamos agora em condições de apresentar a estrutura do Argumento Biológico do Desígnio Inteligente. Este argumento pode ser enunciado do seguinte modo:

1. As máquinas são sistemas teleológicos produzidos como efeito do desígnio inteligente de uma mente.
2. Os seres vivos são semelhantes a máquinas, pois são sistemas teleológicos como elas.
3. Logo: Os seres vivos são sistemas teleológicos produzidos como efeito do desígnio inteligente de uma mente.

O que este argumento está a defender é que, do mesmo modo que as máquinas não surgem por acaso ou por acidente, mas surgem, sim, pela ação causal do desígnio inteligente de uma mente humana, também os seres vivos não podem ter surgido por acaso ou por acidente, mas devem também ter como causa primeira o desígnio inteligente de uma mente. Dada a maravilhosa complexidade dos seres vivos que conhecemos, complexidade muito superior àquela exibida pela mais complexa máquina criada pelo homem, esta mente deve ser dotada não apenas de uma extraordinária inteligência, mas também de um grande poder criador. Assim, podemos concluir que essa mente criadora é a mente de Deus. Os seres vivos são efeitos que têm como causa primeira a inteligência divina.

O Argumento do Desígnio Inteligente tem sido utilizado por filósofos e teólogos, desde a Antiguidade clássica, para provar a existência de uma divindade criadora do mundo natural. No entanto, com o surgimento da Teoria da Evolução de Charles Darwin, em meados do século XIX, os oponentes filosóficos do Teísmo – isto é, os oponentes da teoria de que existe um Deus Criador – passaram a afirmar que havia agora uma explicação puramente naturalista e materialista para o facto dos seres vivos serem sistemas teleológicos. Eles não seriam o efeito do desígnio inteligente de uma mente divina, mas seriam o resultado do processo natural da evolução resultante da seleção natural dos mais aptos. De facto, se a Teoria da Evolução puder oferecer uma explicação alternativa para a origem dos seres vivos enquanto sistemas teleológicos, o Argumento Biológico do Desígnio Inteligente perde a sua força probatória. Mas, será que a Teoria da Evolução pode, efetivamente, explicar a origem dos seres vivos? Em 1996, o biólogo Michael Behe, no seu livro *Darwin's Black Box* (A caixa negra de Darwin), argumentou que o princípio de seleção natural de Darwin não pode explicar o facto de muitos sistemas biológicos serem

“irredutivelmente complexos” ao nível molecular. Michael Behe define o conceito de “*sistema de complexidade irredutível*” do seguinte modo: “um sistema que é composto de várias partes bem ajustadas e interativas que contribuem, assim, para o desempenho da sua função básica e que deixa de funcionar efetivamente caso qualquer uma dessas partes seja removida”. Ele dá como exemplo de um sistema de complexidade irredutível uma ratoeira. A ratoeira tem diversas partes interligadas e interativas (a mola, a base, o martelo, a charneira e a barra de prensão) e a presença de todas elas é necessária para que a ratoeira realize a sua finalidade – apanhar ratos. Se uma das partes da ratoeira não estiver presente, esta deixa de funcionar e deixa de cumprir a sua finalidade. Ora, como o processo de evolução, segundo a teoria darwinista, acontece devido a ligeiras modificações acidentais e sucessivas em sistemas operacionais, que se adaptam por mero acaso a mudanças ambientais, parece ser impossível que a evolução possa originar sistemas naturais que sejam irredutivelmente complexos. Mas, se a Teoria da Evolução não puder explicar a complexidade irredutível dos organismos vivos, seja ao nível celular, seja ao nível supracelular, então ela está condenada enquanto explicação naturalista para a origem desses seres naturais. Pois bem, os biólogos defensores da existência de desígnio inteligente como causa dos seres vivos sustentam – com exemplos biológicos concretos – que a seleção natural não pode originar sistemas irredutivelmente complexos, porque a função a selecionar só se verifica quando todas as partes do sistema são conjugadas e estão simultaneamente presentes no sistema. Ora, a própria complexidade de um tal sistema exclui que ele possa surgir de uma só vez por seleção natural. Um exemplo de um sistema biológico irredutivelmente complexo é o sistema imunitário humano, que defende o organismo de ataques provenientes do exterior. Não se consegue conceber como este sistema, em toda a sua complexidade, poderia ter surgido por mera seleção natural.

Assim, dado que a Teoria da Evolução parece não poder explicar a origem de sistemas de complexidade irredutível como os que se observam entre os seres vivos, a conclusão do Argumento Biológico do Desígnio Inteligente que expusemos acima permanece de pé. Os seres vivos são sistemas teleológicos produzidos como efeito do desígnio inteligente de uma mente divina. Deus é o Criador dos seres vivos que observamos no mundo natural. Portanto, Deus existe.

O ARGUMENTO COSMOLÓGICO DO DESÍGNIO INTELIGENTE

O Argumento do Desígnio Inteligente pode também ser aplicado ao Universo na sua totalidade. Esta aplicação cosmológica do Argumento permite provar não apenas que a biosfera – isto é, o conjunto de todos os seres vivos – do nosso planeta foi criada por uma mente divina, mas permite também mostrar que todo o Universo foi criado por uma tal mente. Obtemos assim mais um poderoso argumento empírico para provar a existência de um Deus Criador. Mas, para que possamos aplicar o Argumento do Desígnio a todo o Universo é preciso mostrar primeiro que o Universo também é um sistema teleológico, isto é, precisamos de mostrar que o Universo está organizado essencialmente para a realização de um determinado fim. Ora, as descobertas feitas no século XX em Cosmologia, isto é, na ciência que estuda o Universo, conjugam-se para mostrar que o Universo é, de facto, um imenso sistema teleológico, pois ele está essencialmente organizado com o fim de permitir a existência de seres vivos inteligentes, nomeadamente seres inteligentes como nós, os seres humanos.

Atualmente existe um largo consenso entre os físicos e os cosmólogos de que o Universo está “afinado com precisão” para originar e suportar a existência de seres vivos inteligentes. De facto, nós sabemos hoje que as condições que permitem e que tornam possível a existência de vida in-

teligente no Universo se situam numa variação de valores muito precisa. Essas condições que estão afinadas com precisão dividem-se em três grupos: (1) as leis físicas; (2) as constantes físicas e (3) as condições iniciais de origem do Universo segundo o modelo do *Big Bang*. Dado que temos pouco tempo, vamos abordar apenas um exemplo de cada um destes três tipos de condições.

Consideremos as leis físicas, centrando-nos no exemplo da lei da gravidade. A gravidade é uma força atrativa de longo alcance que age sobre todos os objetos compostos de matéria. Se todas as leis físicas estivessem em operação, mas a lei da gravidade não existisse, não haveria estrelas, pois é a força da gravidade que mantém a matéria estelar unida em face da ação das forças causadas pelas elevadas temperaturas que se verificam no interior das estrelas. Ora, se não houvesse estrelas, não haveria fontes de energia de longa duração para permitir a existência de formas de vida complexas. Sem a gravidade também não haveria planetas, o que significa igualmente que não poderia haver vida no Universo. Assim, a lei da gravidade é um exemplo claro que mostra como as leis físicas estão afinadas para que possa haver vida inteligente no Universo.

Também as constantes físicas fundamentais que determinam a estrutura do Universo estão afinadas com extrema precisão para permitirem a existência de vida inteligente. Se estas constantes – como a força da gravidade ou a constante cosmológica – fossem apenas ligeiramente diferentes, não se daria o desenvolvimento da matéria, não existiriam as estruturas astronómicas que compõem o Universo, não haveria a diversidade de elementos químicos que existe presentemente e, assim, não haveria vida tal como a observamos hoje.

Finalmente, se as condições iniciais de origem do Universo fossem diferentes das que se manifestaram na sua origem, não haveria vida inteligente. A taxa de expansão do Universo é um exemplo fácil de perceber que ilustra como as inúmeras condições iniciais tinham de ser precisamente do modo como são para que fosse possível surgir vida inteligente no Universo. Lembra-se, certamente, que dissemos anteriormente que os físicos acreditam que o início do Universo foi originado a partir da implosão de uma singularidade – implosão a que os cientistas chamam *Big Bang*. Pois bem, se a taxa de expansão do Universo a partir do momento inicial do *Big Bang* tivesse sido ligeiramente mais rápida, não teria sido possível formarem-se as galáxias, as estrelas e os planetas, pelo que não seria também possível a existência de vida inteligente. Mas, por outro lado, se a taxa de expansão do Universo um segundo depois do *Big Bang* tivesse sido mais pequena, ainda que por um rácio de um em cem mil triliões, o Universo teria voltado a ser uma bola de fogo e nunca se teria desenvolvido para ser aquilo que é hoje. Quando compreendemos que esta taxa de expansão é apenas uma das múltiplas condições iniciais que tinham que estar ajustadas, e que efetivamente estão ajustadas com precisão, para que fosse possível haver vida inteligente no Universo, percebemos que o Universo é, de facto, um sistema teleológico “afinado com precisão”, tendo em vista de uma finalidade bem definida: a existência de vida inteligente.

Tendo provado que o Universo é um sistema teleológico, na medida em que ele está afinado com precisão para que nele exista vida inteligente, podemos apresentar a estrutura do Argumento Cosmológico do Desígnio Inteligente. Tal como o Argumento Biológico do Desígnio Inteligente, que apresentámos atrás, este Argumento Cosmológico assenta na existência de uma *analogia relevante* existente entre as máquinas – os sistemas teleológicos criados pelos seres humanos – e o Universo – que é também um sistema teleológico, como acabámos de ver. O argumento pode ser apresentado da seguinte forma:

1. As máquinas são sistemas teleológicos produzidos como efeito do desígnio inteligente de uma mente.

2. O Universo é semelhante a uma máquina, pois é um sistema teleológico organizado com o fim de permitir a existência de seres vivos inteligentes.
3. Logo: O Universo é um sistema teleológico produzido como efeito do desígnio inteligente de uma mente.

Dada a magnitude do Universo, a mente que o concebeu e o criou deve ser não apenas extremamente inteligente, mas deve também possuir à sua disposição um poder extraordinário. Essa mente só pode ser a mente de um Deus Criador. Pelo que o Argumento Cosmológico do Desígnio Inteligente nos permite provar a existência de Deus.

A conclusão do Argumento Cosmológico do Desígnio Inteligente é reforçada pelo facto, que devemos sublinhar, de que é muitíssimo improvável que o Universo tivesse surgido por mero acaso com todas as condições para a existência da vida, isto é, que ele estivesse por acaso “afinado com precisão” tanto ao nível das suas leis físicas, como ao nível das suas constantes físicas e das suas condições iniciais. De facto, as probabilidades do Universo se desenvolver de tal modo que a vida inteligente fosse possível são incrivelmente pequenas. O mesmo é dizer que existiam milhões de maneiras diferentes do Universo se desenvolver a partir do *Big Bang*, mas apenas numa dessas possibilidades o Universo teria as características necessárias para que nele houvesse o tipo de vida inteligente que conhecemos. Ora, é precisamente dessa maneira que o Universo se encontra organizado. Assim, a conclusão de que existe um Deus Criador que, obedecendo a um desígnio inteligente, ajustou as leis físicas, as constantes físicas e as condições iniciais do Universo para que este pudesse permitir a existência de vida inteligente é muitíssimo mais plausível do que a hipótese de que foi por mero acaso que o Universo surgiu organizado tal como o vemos hoje.

A AUTORREVELAÇÃO DO DEUS CRIADOR

Os dois argumentos filosóficos que apresentámos não só nos permitiram concluir que existe um Deus Criador, como nos dão algumas indicações sobre as características essenciais que Ele possui. Vimos que Ele é uma mente criadora, pelo que, enquanto tal, deve ser dotado de uma inteligência extraordinária e de uma vontade livre. Estas características, por sua vez, mostram-nos que essa mente criadora é uma Pessoa, pois a posse de tais características implica a posse de personalidade. O argumento do desígnio permite-nos também inferir que a mente que criou o Universo – isto é, Deus – deve ter à sua disposição um grande poder criador e deve possuir um conhecimento perfeito do Universo que criou. Portanto, isto significa que essa mente divina deve ser onipotente e onisciente. Tendo chegado a esta conclusão, a pergunta que se impõe agora é a de saber se podemos obter mais conhecimento seguro sobre a mente criadora do Universo, isto é, sobre Deus. Existirão outras fontes que nos deem a conhecer o Deus Criador cuja existência e cuja natureza essencial são indicadas pelo Argumento do Desígnio?

É evidente que o melhor e mais seguro conhecimento que poderíamos obter sobre o Deus Criador seria aquele que derivasse de uma autorrevelação do próprio Deus. Será que podemos encontrar no nosso mundo uma tal revelação de Deus? Haverá um registo que nos informe sobre a natureza essencial de Deus e sobre a vontade de Deus para nós? Possui a Humanidade um tal registo revelado, proveniente do próprio Deus Criador?

Nós cremos que a Bíblia contém precisamente uma revelação do Deus Criador à Humanidade. Ela não só reclama explicitamente para si esse estatuto de escrito revelado, como apresenta um conceito de Deus que é perfeitamente consistente com o conceito que obtivemos d’Ele atra-

vés dos argumentos filosóficos que delineámos anteriormente. De facto, a Bíblia apresenta Deus como o Criador do Universo, um Criador onnipotente e onnisciente, dotado de personalidade manifestada pela sua ampla inteligência e pela sua vontade livre. Assim, existe uma perfeita harmonia entre a noção que obtemos de Deus através do Argumento do Desígnio Inteligente e a noção que obtemos de Deus através da revelação bíblica. Mesmo sem considerarmos outras razões que indicam ser a Bíblia uma fidedigna revelação de Deus, esta correlação conceptual dá-nos razões suficientes para crer que a Bíblia é, efetivamente, a revelação do Deus Criador à Humanidade. Deste modo, a Bíblia surge como um valioso auxílio para a compreensão humana de Deus e da Sua vontade para nós.

Eu acredito realmente que a Bíblia revela os desígnios do Deus Criador para cada um de nós. Por isso, gostaria de partilhar convosco, brevemente, a minha experiência com o Deus vivo revelado pela Bíblia. *[O pregador deve partilhar, neste momento, com o público, a sua mais forte experiência com Deus, isto é, uma experiência que esteja na base da sua fé em Deus, de modo a ilustrar a existência, o poder e a benevolência do Deus revelado pela Bíblia.]*

CONCLUSÃO

Assim, as palestras que se seguirão a esta irão tomar a Bíblia como a fidedigna fonte de revelação do Deus Criador, partindo dela para responder a várias questões que têm assombrado os seres humanos. Questões tais como: Qual a origem do mal e do sofrimento? Como pretende Deus resolver o problema da existência do mal? Haverá vida para além da morte? Qual é o destino final que Deus preparou para os seres humanos? Estas questões serão respondidas ao longo destas palestras, pelo que queremos convidá-lo a que venha assistir regularmente às nossas reuniões. Certamente descobrirá, no fim deste ciclo de oito conferências, que valeu a pena o esforço de estar presente. Não falte, pois temos a certeza de que o Deus Criador tem uma mensagem especial para partilhar consigo através desta série de conferências públicas.